

TABULEIRO DE LETRAS

As múltiplas identidades de Timor Lorosa'e : língua, literatura e cultura

Les multiples identités du Timor Lorosa'e: langue, littérature et la culture

Marinete Luzia Francisca de Souza¹

RESUMO: Analisamos a relação entre língua, cultura e literatura timorenses, tendo como foco as múltiplas identidades presentes na sociedade timorense e a sua plurilinguística. O país vem buscando, desde a restauração da independência, em 2001, construir aquilo que tem chamado de “identidade nacional”, a partir da eleição de línguas oficiais, da implementação de uma estrutura estatal, da abertura para a entrada do capital intencional e do surgimento da autoria timorense em língua portuguesa.

Palavras-chave: literatura timorense, nação, identidade, pluralidade linguística e cultural.

RÉSUMÉ: Dans cet article nous avons analysé les relations entre la langue, la culture et la littérature du Timor. Nous avons focalisé les multiples identités présent dans la société du Timor et son pluralisme. Le pays a cherché, depuis le rétablissement de l'indépendance en 2001, construire ce qu'on appelle «l'identité nationale», a partir des élections de langues officielles, la mise en œuvre d'une structure de l'État, l'ouverture à l'entrée de capitaux intentionnel et l'émergences des auteurs du Timor en écrivant en portugais.

Mots-clés: Littérature Timorais; Nation; Identité; Linguistique et la pluralité culturelle.

1. Um primeiro olhar

Similar à sua posição geográfica, uma fronteira entre o Oriente e a Oceania, e cotejando politicamente variados blocos de países, sejam os do Pacífico, sejam os de língua portuguesa, Timor é por si um espaço culturalmente fronteiriço, comportando diversas e densas culturas, línguas, oralituras, organizações locais. Essa riqueza advém não apenas de sua localização, mas também da tendência ao que poderíamos chamar de certa posição no meio ou diplomacia cultural, usando aqui de uma analogia.

¹ Doutora em Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra e pós-doutoranda em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: marineteluzia2@gmail.com.



Tal caráter indica uma propensão para os contatos e trocas que não são novos na cultura timorense, surgindo já no canto X, estância 134, d’Os Lusíadas: “Ali também Timor, que o lenho mandSândalo, salútfero e cheiroso;/Olha a Sunda, tão larga que üa banda/ Esconde pera o Sul dificultoso;/A gente do Sertão, que as terras anda,/Um rio diz que tem miraculoso...”.

A partir do (des)encontro expresso por literaturas tão distanciadas no tempo, como a de Luís da Camões e a atual literatura de Timor-Leste, e das reeleituras que tem feito da história da região, vislumbra-se uma país heteróclito e denso. Entreposto comercial para a Ásia, Timor português, Timor Timur (segundo a designação indonésia) e para a, atualmente, República Democrática de Timor-Leste.

Timor-Leste é não apenas um local para onde se olha com curiosidade, mas também um país que emerge como produtor do próprio conhecimento, ainda que, em muitos casos, não se reconheçam os modos de produção de conhecimento não ocidentais.

Os contatos entre os povos de Timor-Leste e aqueles provenientes de outros espaços remontam ao século XVI, quando teria se dado a presença de fenícios e chineses, além dos portugueses, por volta de 1522, o que movimentou o território em face do comércio do sândalo. O primeiro europeu a contatar a região foi Pedro da Covilhã, em 1487. Já a viagem de Vasco da Gama, em 1498, pode ser pensada como uma divisória temporal nas relações entre a “zona de contato” – para usar uma expressão de Mary Lousise Pratt (1999) – e a Europa, então tida como região central do mundo. Seja no caso chinês, seja no português, tratava-se de relações comerciais e não de fixação na terra: Timor foi um entreposto comercial e um local belicamente estratégico (recorde-se da presença japonesa no território durante a Segunda Guerra Mundial). No século XX, Portugal deu início ao que conhecemos como colonização, interferência nos modos de vida e maior presença do colonizador. Esse processo será, de um lado, interrompido pela conquista da independência em 1975 e, de outro, pela invasão indonésia no mesmo ano. O segundo fato intensificou a presença estatal sob a forma de implementação de escolas, imposição linguística, entre outros aspectos.

A atual necessidade de pensar a identidade nacional em Timor-Leste, assim como em outros países, não se coaduna com o que se vem chamando de fim dos nacionalismos. Por seu turno, a construção da identidade nacional implica, no dizer de Benedict Anderson (2008), a existência de fronteiras territoriais, criação de mapas administrativos, oficialização de línguas, resultando em escolhas e exclusões. A saber, o país conta com trinta e três línguas. Existem trinta e uma línguas nacionais em Timor-Leste: Ataurense, Baiqueno, Becais, Búnaque,

Fataluco, Galóli, Habo, Idalaca, Lovaia, Macalero, Macassai, Mambai, Quémaque, Uaimoa, Naueti, Mediki, Cairui, Tetum-terik, Dadu'a, Isní, Nanaek, Rahesuk, Raklungu, Resuk, Sa'ane, Makuva, Lolein, Adbae, Laclae e Tocusede. Para além disso, o Tétum e a Língua Portuguesa são as línguas oficiais do país.

O Tétum é uma espécie de língua veicular que liga os timorenses de diversas proveniências, enquanto que o português, língua colonial no período de presença portuguesa, serviu de veículo de comunicação para a “resistência timorense” em relação ao domínio indonésio, identificando-se uma clivagem geracional. Se, por um lado, os jovens tendem ao indonésio, por terem sido educados durante o “período indonésio”, por outro, a população mais idosa fala português. Por fim, a atual geração, educada sob o signo da adoção do português como língua oficial do país, engatinha na língua de Camões. (BRITO, 2010, p. 8).

Considerando essas variações históricas, são identificadas, em uma parte significativa das línguas timorenses, misturas e apropriações, sejam elas do português, sejam do inglês e do indonésio. No Macassae, por exemplo, encontramos usos de termos portugueses relativos ao dia a dia (entre outros usos), como é o caso do período que segue: *tinan-tinan sempre halo festa harii uma-lulik* (todos os anos sempre se realiza a festa da construção da casa sagrada tradicional); em Tétum ocorre o mesmo como em: Tétum: *FohoMundu-Perdidu* (monte, um Mundo-Perdido).

As naturais hibridações, assim como a alta demanda educacional surgida após a restauração da independência (entre outros indispensáveis esforços de reorganização do país), faz com que identidade nacional esteja em constante negociação. Esses processos de (des)encontros, negociações, construção e desconstrução não são algo novo na história da cultura timorense, conforme visto no fragmento dos Lusíadas. Convém referir que as ajudas externas ocorrem por meio da presença, em solo leste-timorense, de agentes internacionais e de doações em espécie, assim como de empréstimos feitos ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

Com a Restauração da Independência, em 2001, e com a constante entrada de estrangeiros, foi necessário delinear mais claramente os símbolos nacionais, entre os quais o “tais”, tecido artesanal usado como elementos de decoração, para vestimentas e, principalmente, como elemento cerimonial sob a forma de presente oferecido em cerimônias políticas, diplomáticas etc; as estátuas e a bonecas de Ataúro, ambas produzidas na Ilha de

Ataúro²: O Monte Ramelau, ponto mais alto do país e um dos principais referentes turísticos leste-timorense; a história fundacional do país “lenda do crocodilo”, assim como imagem da orla de Díli que lembra o formato de um crocodilo.

Do mesmo modo, na Ilha de Timor, os elementos tradicionais compartilham espaço com símbolos nacionais tradicionais (bandeiras, mapas, língua, literatura e escrita), indo da atualização das lendas – como é caso da lenda do crocodilo, por Xanana Gusmão e publicada em *Mar Meu, poemas e pinturas* (1982) – à literatura diaspórica de Luís Cardoso.

Essa amplitude simbólica é sentida das mais diversas maneiras, como, por exemplo, na dispersão de bandeiras do país pela cidade de Díli, nas referências dos cidadãos timorenses à língua portuguesa como língua oficial e na necessidade de reinseri-la no sistema de ensino. Essa demanda está relacionada com o desejo de distanciar-se da recente história da presença indonésia, recorrendo, para esse fim, a uma reaproximação com Portugal, sendo exemplo disso a entrada na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Essa necessidade de firmar os símbolos nacionais e de constituir-se como nação não deixa de estar ligada aos acordos de cooperação feitos pelo País. A esse respeito, Kelly Silva acentua o condicionamento das políticas internas:

Ele está implicado em todas as faces e fases desse empreendimento, condicionando fenômenos tão diversos como a consolidação das línguas nacionais, a definição dos modelos de orçamento adotados pelo Estado, a construção da legislação que define o funcionamento da administração, entre muitos outros exemplos. (SILVA, 2007, p.162).

Observa-se, portanto, a grande necessidade de dar respostas diárias a esse processo de intervenção internacional, o que é feito por meio da insistência em símbolos nacionais, ao tempo em que se implementam sistemas próprios de ensino, justiça e administração.

É nesse contexto que se tem dado as relações entre Timor-Leste e Brasil, notadamente por meio dos acordos de cooperação internacional nas áreas de educação, justiça, formação técnica, militar e de inteligência.

No âmbito educacional, a cooperação entre Timor-Leste e o Brasil existe desde 2014 e é mediada pelos Ministérios das Relações Exteriores e pelo Ministério da Educação dos dois países, sendo coordenada, no primeiro caso, pelo Ministério da Educação, e no segundo caso também pelo Ministério da Educação, mais especificamente por uma de suas instituições, a

²O primeiro elemento é cultivado já há muito pelos habitantes da ilha; o segundo é algo mais recente, uma criação do Instituto Camões, aproveitando-se as potencialidades artesanais das mulheres de Ataúro.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), constituindo, portanto, uma cooperação na área de formação docente e de língua portuguesa como segunda língua. Desse modo, relaciona-se com as políticas linguísticas nacionais, no caso de Timor-Leste, e internacionais, no caso dos atores sociais envolvidos.

No que tange ao ensino do português em Timor-Leste, atualmente usa-se, no contexto da cooperação brasileira em Timor Lorosa', a terminologia “português instrumental”, embora na prática, tentando-se corresponder às especificidades locais, sejam usados métodos do ensino de português para estrangeiros, mesclando-os aos do ensino de uma segunda língua ou adicional.

Conforme já dito, a cooperação é desenvolvida há onze anos, ao longo dos quais muito se colaborou para a formação dos quadros timorenses, seja em campo (no trabalho desenvolvido pelos bolsistas cooperantes, em Díli), seja por meio da reflexão acadêmica. Todavia, ainda se identificam pontos a serem aprofundados: um deles é a correlação entre língua, formação da nação e literatura, ou melhor, o modo como a língua portuguesa comunica esse fenômeno. Na perspectiva das políticas linguísticas e educacionais, os currículos escolares procuram comportar essa pluralidade. Por outro lado, se a cultura timorense é sedimentada e milenar, o mesmo não ocorre com a formação do Estado-nação e com a forma como este imagina e narra a sua formação. Tais narrativas dão-se do ponto de vista histórico e também literário. Assim se identificam tanto os textos de teor mais panfletário e ideológico, de expressão nacionalista e anticolonial quanto aqueles de teor memorialístico e decolonial. A isso se soma a vasta literatura oral timorense e a não menos importante documentação (ou testemunhos) reunida pela Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação de Timor-Leste, publicado em 2007, em tétum, português, *bahasa* (língua indonésia) e inglês.

Considerando esses fatos, as reflexões aqui apresentadas patenteiam uma reflexão multidisciplinar, nomeadamente ligada às áreas de história, cultura e sociedade timorenses na perspectiva dos estudos de identidade e dos estudos pós-coloniais.

2. O hibridismo na cultura, na literatura e na cultura timorense

Um levantamento preliminar indica que a literatura timorense em língua portuguesa pode ser pensada em, no mínimo, três momentos: o colonial português (dos quatro séculos de contatos exploratórios, que compreende o período de 1512 a 1712, e do período de exploração

colonial efetiva, de 1912 a 1975): o período colonial indonésio (1975 a 1999) e decolonial, aqui entendido como o período que vai da presença das Nações Unidas, de 2000-2012, até o atual momento. Todos os períodos são veiculados por narrativas históricas e literárias em língua portuguesa, inglesa ou indonésia, o que inaugura, no que refere ao país, uma nova literatura em relação àquelas já estabelecidas, as literaturas orais, em língua tétum e nos variados idiomas do país. Vale recordar que esses idiomas são designados na constituição timorense como “línguas nacionais”, de modo que tal fato desenha uma nação que se imagina como plural.

Considerando as características das narrativas timorenses e os aportes teóricos utilizados, as principais temáticas identificadas, até o momento, são: literatura e identidade nacional, literatura colonial e pós-colonial, intercultura e sociedade; memória, resistência, silêncio, resiliência, oralitura, tradução, alteridades, diáspora, hibridismo e o diálogo lusófono.

Essa visão multidisciplinar é requerida pela realidade discursiva e histórica de Timor-Leste, podendo-se pensar em temporalidades e espacialidades tão diversas como a organização dos povos ao longo do arquipélago malaio; na posição geográfica do país, na rota usada pelos europeus na busca por especiarias e riquezas (como o sândalo), na sua posição geográfica, entre a Austrália e o Sudoeste Asiático (o que levou o Japão a ocupar a região durante a Segunda Guerra Mundial); e ainda, na fronteira cultural e territorial entre a Indonésia e a Austrália, tendo favorecido os intensos diálogos ocorridos na região, por vezes, por meio da violência, fazendo com que o país buscasse saída na lusofonia e na construção de um Estado-nação nos moldes ocidentais.

Trata-se de uma perspectiva a qual denota a existência de enraizamentos históricos e culturais profundos. No que diz respeito à sociedade, esses dados são intensamente sistematizados pelo timorense contemporâneo, que é capaz de lidar com sistemas jurídicos importados e com códigos tradicionais, por exemplo.

Tal aptidão lembra aquilo que Édouard Glissant afirmou em relação a outros espaços que passaram por experiências coloniais. Ou seja, Timor-Leste recusaria a “raiz totalitária” da cultural e da história e se voltaria para o rizoma, “que é uma raiz multiplicada, que se estende em rede pela terra e pelo ar” (2011, p. 21), o que pressupõe, ao mesmo tempo, a síntese e o diálogo.

Os diálogos, portanto, não são algo novo na história do país e estabeleceram-se, a partir de encontros entre os grupos locais, com outros povos asiáticos e também com os europeus. Observa-se, por conseguinte, o modo como o país reinterpreta esses fatos históricos

e os insere na narrativa nacional de um Estado-nação que vem se constituindo após a luta pela liberação do domínio indonésio.

Nesse sentido, antes de pensar no modo como são articuladas as narrativas sobre o conflito com a Indonésia, como se narra a guerra e se a vitória histórica vem se convertendo em vitória narrativa, tal como teria ocorrido com o Vietnã, conforme acentuam Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi (2009), convém pensar que outras narrativas se articulam nesse espaço que não congrega apenas a ideia de Estado-nação, mas que também diz do imaginário dos *sucos* (organização territorial e cultural local), dos traumas coloniais (do primeiro colonialismo, o português, e também do segundo, o indonésio), e da inserção nas comunidades internacionais e, mais especificamente, na comunidade lusófona.

Esses pressupostos levam-nos a pensar não no surgimento do imaginário literário timorense (porque esse é um dado a que não podemos aceder e precisar), mas na sua emergência para o mundo extra-lorosa e a partir de uma leitura semiótica e fronteiriça dos sinais encontrados na sua cultura e na sua literatura. A leitura desses sinais vem permitindo uma visão do processo histórico-literário, ainda que nem sempre se trate de literatura de autoria timorense, mas, em certos casos, sobre Timor Lorosa e.

Um desses momentos é, portanto, o contato entre europeus e timorenses narrados nos relatos de viagens dos europeus no século XV, sob o ponto de vista eurocêntrico ou daquilo que Edward Said (1978) chamou de “orientalismo”, que pressupõe o exotismo, a representação do “outro” e de sua cultura, a partir de um essencialismo histórico e cultural sob olhares próprios do observador. Esse primeiro grupo de textos requer, para seu estudo e análise, um forte componente histórico e comparado.

Nesse quadro, surgem vozes anticoloniais e também a autoria timorense de língua portuguesa, significando que os nacionais passaram a traduzir sua representação (ou autorrepresentação) para uma língua conhecida pelos estrangeiros, ensaiando a criação da imagem de um povo ou nação para além das fronteiras linguísticas, territoriais e culturais de seu país. Esse fato aponta para o momento atual, a literatura pós-colonial, diaspórica e contemporânea timorense na sua relação com a construção da identidade da nação.

Ao observarmos os temas e as formas mais comuns na literatura de língua portuguesa de Timor Lorosa e e discutir as fronteiras culturais e linguísticas insertadas no *corpus* literário analisado, vimos identificando algumas temáticas subjacentes à cultura local, a saber: o pós-colonial, a representação do feminino, a tradução dos costumes e o modo como, ao serem confrontados com outras culturas (que chegam por via das cooperações internacionais), a

população tende a inserir no interior de sua literatura oral justificações para costumes considerados negativos pelos estrangeiros, como é o caso do barlaque, por exemplo³.

A literatura timorense, escrita em língua portuguesa, representa uma parte do que se produz no país, uma vez que a literatura oral nativa de Timor-Leste, aparenta, num olhar estrangeiro, ser ampla e enraizada. A literatura oral, nos vários empréstimos que faz à literatura timorense de língua portuguesa, contribui para a hibridização das formas literárias portuguesas.

Nesse ponto, trata-se de uma literatura “emergente”, em diálogo com outras literaturas surgidas, para o mundo ocidental, com o fim do paradigma colonial⁴, ao longo da segunda metade do século XX. Do mesmo modo, muitos escritores naturais das zonas antes dominadas por países europeus e radicados nas ex-metrópoles passam a ser reconhecidos como alguns dos autores mais criativos da contemporaneidade.

Considerando esse dado, temos refletido sobre como a literatura timorense vem sendo acolhida internacionalmente e como essa literatura – por não usar os códigos ocidentais – não ultrapassa as fronteiras da nova nação.

Levando em conta esse fato e excetuando a literatura oral timorense, que requer maior tempo para o seu estudo, a literatura timorense pode ser, grosso modo, classificada a partir dos seguintes cortes: a) representações dos timorenses ou de Timor na literatura de viagem estrangeira. É o caso de: *Ilha Verde e a Ilha Vermelha* (1928), de Alberto Osório de Castro; *A Ilha dos Homens nus* (1936), de Paulo Braga, e dos diários de Alfred Russel Wallace; b) literatura colonial na qual podem ser inseridas, no momento, *Cairuru* (1939), de Grácio Ribeiro e *Corpo Colonial* (1981), de Joana Ruas. Este último é um interessante registro da condição feminina em Timor-Leste; c) Literatura de louvor a terra: nesse grupo encontram-se, principalmente, os poemas publicados na coletânea *Enterrem meu coração no Ramelau* (1987); d) por fim, podemos pensar na literatura diaspórica, com destaque para Luís Cardoso, de quem tratamos com afinco em item posterior.

Retomando a classificação ensaiada, podemos pensar em obras sobre Timor-Leste, como é o caso das *Flores de Coral: poemets e impressões da Oceania Portuguesa*, de Osório de Castro, poeta decadentista. A obra não deixa de apresentar um certo “orientalismo”, tal como definido por Edward Said (1978). Esse “orientalismo” também está presente na vasta

³O barlaque consiste no pagamento, pela família da noiva, de uma espécie de dote à família do noivo.

⁴Embora o colonialismo e o neocolonialismo ainda possam ser identificados em momentos e pontos geográficos específicos.

obra de Ruy Cinatti (1915-1986), que apresenta proximidade com a paisagem e com a geografia humana local.

Em outro grupo estão os poetas comprometidos com a resistência leste-timorense, entre os quais Jorge Lautem (de quem não se tem informações bibliográficas), que, apesar de comprometido com a libertação timorense, expressa também o sentimento estrangeiro em relação ao país: “*Que faço eu neste quarto de madeira húmida neste país distante?*”⁵ Trata-se de um poeta dividido entre a sua terra natal e a do exílio.

Francisco Borja da Costa (1946-1975) tem dois poemas representativos do surgimento da ideia de nação – “Foho Ramelau” e “Kadadalak⁶” –, ambos sobre o despertar do país-ilha e a união da sua população em torno da libertação, mas também de uma identidade que começava a se projetar como nacional. No primeiro poema, Borja da Costa evoca a maior montanha (“foho”) do país, o Ramelau: “Eh! Foho Ramelau, Foho Ramelau eh!” (v.1, estrofe1), como testemunha do surgimento desse novo sol/país. Nesse mesmo poema estão as ideias de “madrugada”, de um “novo sol que desponta” reiterado por verbos imperativos como “acorda” e “abre”, como se pode ler nos versos: “Acorda que a madrugada já desponta/Acorda que o novo sol já desponta”, pois sendo o Monte Ramelau “magestoso” e “imponente”, impossível seria adiar esse despertar para um “novo momento”.

No “Kadadalak”, a necessidade de união é ainda mais invocada pelo autor: “Os regatos convergindo-se transformam-se em rios/Os rios juntando-se qual a força que se lhes opõe”. A força que se opõe é o colonialismo, neste caso o português, pois Borja da Costa escreve antes de ser proclamada a independência do país, em 1975, embora o teor de seus poemas e os sentimentos por ele manifestos possam ser aplicados também à presença indonésia.

Esses poemas, tais quais outros textos timoesenses, não somente são engajados, mas também veiculam a ideia de nação, que, aliás, é múltipla, com várias etnias dotadas de tradições e línguas próprias.

Ainda é possível inserir, nesse conjunto, a coletânea *Enterrem meu coração no Ramelau* (1987), publicada pela Associação de Escritores Angolanos, os escritos de Borja da Costa e Abílio Araújo, assim como a poeisa de Xanana Gusmão, esta de teor mais nacionalista. Pode-se, portanto, depreender dessa literatura, um conceito de identidade nacional aberto aos diversos elementos da cultura leste-timorense, em consonância com a

⁵ LOUTEN, Jorge. *Enterrem meu coração no Ramelau* (1982).

⁶ In: MARCOS, Arthur. *Timor, timorenses com suas línguas, literaturas e lusofonias* (1995).

atual concepção de identidades múltiplas, sendo o que se depreende do prefácio que Mia Couto faz para o livro de poemas (e pinturas) *Mar Meu, poemas e pinturas* (1998), de Xanana Gusmão:

Não é apenas o milênio que ronda a esquina de sua extinção. O mundo ou uma certa ideia de mundo não parece igualmente sobreviverComo se o mundo se quebrasse em mundos e não houvesse ponte nem viagem para nos acolher entre pedaços. (COUTO, Mia. In: *Mar Meu, poemas e pinturas*, 1998, p.6).

E acrescenta:

Timor parece erguer-se como prova contrária a estes sinais de decadência. Afinal há almas para sustentar causas, erguer a voz, recusar alheamentos.... Foi assim que li os versos de Xanana. E naquelas páginas confirmei: pela mão de um homem se escreve Timor (COUTO, Mia. In: *Mar Meu, poemas e pinturas*, 1998, p.6).

A temática de *Mar Meu* está alinhada àquilo que chamamos de construção do imaginário nacional. Os poemas são acompanhados de pinturas, não se tratando de ilustração dos poemas, mas de uma obra em duas partes: uma dedicada aos poemas e outra às imagens. Essa obra vislumbra o alinhamento dos símbolos nacionais e dos elementos de fundação, como é o caso da releitura poética da lenda do crocodilo:

Do fundo do mar/um crocodilo pensou buscar o seu destino (...) /Cansado, deixou estirar /no tempo/ e suas crostas se transformaram em cadeias de montanhas /onde as pessoas nasceram/e onde as pessoas morreram/Avô crocodilo /-- Diz a lenda/ e eu acredito!/ é Timor! (“Avô Crocodilo”, dedicado a Marta B. Neves, Lisboa, est IV, p. 20, in: In: *Mar Meu...*).

Nesse aspecto, é possível recorrermos aos estudos de identidade, caso de Woodward (2000, p. 28), quando este considera que o significado de identidade cultural “é sempre diferido ou adiado; ele não é completamente fixo ou completo, de forma que sempre existe algum deslizamento”.

Isso ocorre, por exemplo, na correlação estabelecida entre as fronteiras temporais e textuais ensaiadas na poesia de Xanana Gusmão: “Timor/montanhas de ossos de uma valentia/que bocas guerreiras/abençoaram seus filhos/para a perenidade dos dias” (“Esperanças rasgadas”, In: *Mar Meu...* p. 26).

A respeito do modo como as identidades são pensadas na literatura leste-timorense, Luís Cardoso, romancista diaspórico, atualmente radicado em Portugal, afirma em sua

“autobiografia linguística”, o conto *Cáspita*: “se a terra de cada um fosse o lugar onde aprendeu a escrever as primeiras palavras a minha certamente seria a Ilha de Ataúro. (...)”. As reticências com que fecha a afirmação, aliás, já encerrada por um outro marcador linguístico, indicam que nem sempre a nossa pátria é a nossa língua e reenviam a afirmação de Fernando Pessoa – “Minha Pátria é a língua portuguesa” –, um lugar simbólico que alguns críticos contestam, argumentando que a pátria de Pessoa não seria o mesmo espaço que hoje comporta o conceito de lusofonia, mas aquele lugar mesmo do lusitanismo, o que restringe as possibilidades de relação entre pátria e nação sugeridas pelo poeta; a sua pátria estaria relacionada tão somente aos espaços onde o português fosse usado com acento metropolitano.

Esse diálogo estabelecido por Cardoso indica que Portugal ocupa um lugar no imaginário timorense, assim como Timor ou, para alargar a discussão, o Oriente (*vide* o Canto IV d’*Os Lusíadas* que retrata o encontro de Vasco da Gama com o Rei de Melinde), é recorrente na literatura portuguesa. Colocam-se assim, além das temáticas já elencadas, dois outros elementos a serem considerados no contexto literário timorense de língua portuguesa: as imagens do país veiculadas por outras literaturas (a portuguesa é uma delas, mas também se identificam textos de temática timorense em inglês, francês e *bahasa* indonésia) e a sua relação com a cultura imaterial veiculada pela várias línguas existentes no país.

Diante da variedade linguística com a qual conviveu o menino que foi o narrador de *Cáspita*, a voz narrativa afirma: “a língua de cada um deve ser aquela com que se disse as primeiras palavras”. Tal afirmação representa uma antítese em relação aos acontecimentos narrados e ligados à decisão dos seus pais de esconder do filho que eles falavam idiomas nativos, apresentando-lhes apenas a língua crioula e/ou franca, o Tétum. Isso tudo com a finalidade de lhe facultar o aprendizado da língua que permitiria ingressar nas turmas de catequese, o que, por sua vez, dava a possibilidade de aceder à escola onde aprenderia o português. A aquisição desse idioma permitia ao protagonista participar da sociedade que se ocidentalizava. A par dessa estratégia ocorre a fuga de um espaço que, embora íntimo, o narrador caracteriza, no que toca aos pais, como “bem gentio, restrito de exclusividade deles”.

Por um lado, os elementos da cultura relacionados, nas “zonas de contato”, usando da expressão de Mary Louise Pratt (2007), ao “gentio” foram, ao longo dos tempos coloniais, sendo dotados de negatividade, por não conduzir aos lugares de poder, no conto *Cáspita*, a entidade narrativa revela ter consciência de que a adoção de outra língua, que não a materna, em espaço multilíngue, desestabiliza a sociedade, quando os falantes não dominam o idioma. Por outro lado, mostra um terreno culturalmente rico, que permite variadas formas de

construção da identidade, mas que, em contexto de imposição linguística, transforma o nativo em estrangeiro. Esse dado é expresso pelo narrador, quando se refere à língua falada em Ponta Leste, o Fataluco: “Sentíamos-nos estrangeiros pelo fato de não termos por baixo do chão que pisávamos as palavras seguras do Tétum. Eles falavam o Fataluco, donos do chão que eles pisavam”.

Relativamente ao segundo ponto, analisar a literatura de um país sob a ótica colonial e pós-colonial – e mais especificamente sob a ótica do colonialismo português e suas implicações imaginárias – supõe considerar, ao mesmo tempo, que há diferenças entre os diversos colonialismos, ou seja, nem o momento, nem os estudos pós-coloniais são, pois, uníssonos. Podemos afirmar que são distintos os processos de independência dos países lusófonos. Para tanto, voltamos-nos ao caso português e à sua ruptura com o pacto colonial (em termos gerais, pode-se dizer que o pacto colonial requer a ideia de superioridade cultural da metrópole em relação à periferia), quando da transferência da corte para o Brasil que, de certo modo, precipitou a independência do país, e do desgaste da metrópole na Guerra da Libertação com os países africanos (ou Guerra Colonial, como é designada em Portugal) a qual os levou à independência de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde. No segundo caso, os movimentos políticos que sustentaram a luta anticolonial nos países africanos sob domínio político português se estenderam a Timor Lorosa'e, que se tornou independente após a Revolução dos Cravos, em 1975. Ao considerar esses fatos históricos e esses diferentes espaços nacionais, nota-se que todos são perpassados por uma marca colonial e que, conforme Mignolo (2007), há marcas coloniais as quais perpassam tanto as ex-colônias quanto a ex-metrópole, o que demonstra haver também similaridade nos processos vividos pelas possessões europeias nos continentes dos países em questão. Essas semelhanças surgem também nas narrativas que circulam nos países de língua portuguesa e apontam para a permanência de certos elementos relativos, seja ao trauma colonial, seja às identificações pontuais com Portugal dando, por exemplo, o estatuto de língua de instrução à língua da ex-metrópole, o que revela a existência da colonialidade da cultura, segundo designou Mignolo (2007), por um lado, e da canibalização da cultura portuguesa, por outro. Eduardo Lourenço designou o fato, em *Os Girassóis do Império* (2003), de “colonialismo imaginário”. O poder é assim algo latente e trilha esferas distintas, indo da economia à literatura.

Por outro lado, a posição de Portugal, entre a Europa e as colônias, logo semiperiférica, apontada por Boaventura Silva Santos (2002), pode ser discutida à luz dos recentes acontecimentos em Timor-Leste, um dos atuais palcos do debate lusófono: seria o

português a melhor língua a ser adotada pela nação surgida em 2002. E em como esse idioma, que conta com milhões de falantes em diversos países, mas não ocupa os lugares centrais no mundo das ciências e tecnologia, ajudaria na consolidação do país no cenário internacional? Desse debate participaram políticos e linguistas, tendo sido a discussão encerrada somente quando Geoffrey Hull (2001) fundamentou política e linguisticamente a sua defesa da língua portuguesa como a possível língua do estado leste-timorense, contribuindo, dessa forma, para que o governo timorense a adotasse como uma das línguas oficiais do país.

Deixando de lado as políticas linguísticas nacionais (e sua vinculação com aquelas internacionais por meio das Nações Unidas), constata-se que uma parte do patrimônio imaterial timorense, sobretudo aquele ligado à resistência, foi expresso em língua portuguesa. Nesse grupo identificamos textos sobre a resistência ao império português (pré-invasão indonésia), manifestos contrários à presença indonésia e aqueles de autores diaspóricos, como Luís Cardoso, que se estendem até atualidade. Todo esse conjunto de textos – composto por narrativas e poesias – dialoga com o imaginário do território hoje identificado como Timor-Leste.

O estudo de ambos os *corpora*, aquele de literatura sobre Timor e o de literatura timorense escrita em português implica em descentramentos disciplinares, com a finalidade de pensar os processos subjacentes à colonização do imaginário. Nessa direção, dando apenas três exemplos, correlacionam-se, no romance *Olhos de Curuja, Olhos de Gato Bravo* (2002), à chegada das instituições coloniais ao interior do território leste-timorense. Já os mediadores culturais, entre estes as autoridades coloniais e os *liurais* (chefes dos sucos), surgem em *Crônicas de uma Travessia* (1997). Ambos os romances são de Luís Cardoso.

Stuart Hall (2003) define esse processo como tradução cultural, o processo de negociação entre novas e antigas matrizes culturais, vivenciado por pessoas que migraram de sua terra natal via processos coloniais ou pós-modernos. Para Stuart Hall (2003, p. 74), o hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados, mas se trata de um processo de tradução cultural agonístico, uma vez que nunca se completa, mas que permanece em processo de tradução.

3. Conclusões

Considerando esse vasto campo e a importância de dar síntese a esse conjunto textual, a partir da observação do modo como se estruturam as relações entre os dois tipos de literatura que circulam em Timor-Leste, a oral e a escrita, as informações já recolhidas apontam quer para uma pluralidade textual, quer para uma diversidade narrativa timorense, incluindo-se aí os processos identitários. A literatura timorense se presta à comunicação de momentos históricos variados, alguns ligados a eventos, como a chegada dos portugueses ao continente asiático e a violência vivenciada durante a invasão indonésia. Sua reelaboração ficcional é dada pela literatura de autores anticoloniais e por aquela pós-moderna de Luís Cardoso (que cruza dados históricos com ficcionais oriundos das narrativas orais timorenses).

A esse universo ficcional são ainda somados dois conjuntos textuais, quais sejam a literatura de testemunho (os relatórios e depoimentos acerca dos conflitos vividos durante o confronto com a Indonésia) e a poesia engajada anticolonial em língua portuguesa.

A ficcionalização da história e dos conflitos pode ser, de acordo com Kundera, relacionada com a capacidade que o ser humano tem de guardar e ressignificar os fatos importantes por ele vividos, sejam acontecimentos traumáticos ou não (KUNDERA, 2005, p. 95), por meio de sua(s) “memória(s) poética(s)”, aqui aplicada(s) à complexidade dos gêneros textuais e símbolos nacionais que circulam em Timor-Leste. Assim, essas memórias instaladas no momento pós-traumático poderão ser pensadas a partir da capacidade de canibalização da cultura timorense e das possibilidades dadas pela literatura de resgatar experiências, uma fonte profícua para a produção crítica, permitindo pensar a condição da literatura timorense e a relação entre as memórias poético-literárias e as históricas.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- BRITO, Regina Helena. *Sensibilizando para a comunicação em Língua Portuguesa: uma experiência em Timor-Leste*. São Paulo. Mackpesquisa, 2008.
- BRAGA, Paulo. A ilha dos homens nus. *Cadernos Coloniais*. Editorial Cosmos, Nº 30, 1936.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Porto: Porto Editora, 2011.
- GUSMÃO, Xanana. *Mar Meu: poemas e pinturas/TasiHá'na: Dadolin no Taturikhosi*. Poemas traduzidos para tétum por Luís Costa. Granito, Editores e Livreiros; Instituto Camões, 2003.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro) Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- HULL Geoffrey. *Timór-Lorosa'e - Identidade, Lian no Polítika Edukasionál (Timor-Leste - Identidade, Língua e Política Educacional)*. Lisboa: Instituto Camões, 2001.
- KUNDERA, Milán. *A Insustentável Leveza do Ser*. Lisboa: Dom Quixote, 2005.
- MIGNOLO, Walter. *Historias locales / diseños globales*. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo, Madrid, Akal, 2003.
- RIBEIRO, Margarida Calafate e VECCHI. (Orgs.). *Antologia Poética da Guerra Colonial*. Porto: Edições Afrontamentos, 2011.
- SANTOS, Boaventura Sousa. “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade”. In Ramalho, Maria Irene Ramalho e Ribeiro, António Sousa Ribeiro (orgs.). *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Afrontamento, 2002.
- SAID, Edward. *Orientalismo*, Lisboa, Cotovia, 2004.
- Wallace, Alfred Russel “On the varieties of man in the Malay Archipelago”, *Transactions of the Ethnological Society of London*, 3, 196-215, 1865.
- Wallace, Alfred Russel. *The Malay Archipelago*. New York: Harper & Brothers, 1869.
- SILVA, Kelly. *Timor-Leste por trás do palco: cooperação internacional e a dialética da formação do estado*. Belo Horizonte, UFMG, 2007.
- WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000.
- UNIÃO ESCRITORES AFRICANOS. *Enterrem meu coração no Ramelau*. Luanda, 1982.